



Marion Minerbo

Com a colaboração de
Isabel Botter e Luciana Botter

Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica

Blucher

NOVOS DIÁLOGOS SOBRE A
CLÍNICA PSICANALÍTICA

Marion Minerbo

Colaboradoras

Isabel Botter e Luciana Botter

Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica

© 2019 Marion Minerbo, Isabel Botter, Luciana Botter

Editora Edgard Blücher Ltda.

Fotomontagem da capa: Inês Maria

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Minerbo, Marion

Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica /
Marion Minerbo ; colaboradoras: Isabel Botter
e Luciana Botter. – São Paulo : Blucher, 2019.

288 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1443-4 (impresso)

ISBN 978-85-212-1444-1 (e-book)

1. Psicanálise I. Título. II. Botter, Isabel. III.
Botter, Luciana.

19-0410

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Agradecimentos	9
Prefácio	11
1. Núcleos neuróticos e não neuróticos	17
2. Como pensa um psicanalista?	53
3. Algumas ideias de René Roussillon	89
4. O supereu cruel	117
5. Depressão sem tristeza, com tristeza e melancólica	161
6. Ser e sofrer hoje	201
7. Loucuras cotidianas	233
Referências	279

1. Núcleos neuróticos e não neuróticos

Olá, AnaLisa! Vamos continuar nossos *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*? Você viu que eles foram publicados em livro pela editora Blucher em 2016?

Vi, sim. Meus colegas acharam bem útil poder acompanhar aquelas conversas. E aí eu pensei em lhe propor novos diálogos sobre a clínica psicanalítica. Poderíamos conversar sobre alguns dos textos que você publicou em revistas especializadas, às quais nem todos têm acesso.

Que boa ideia! Nesse caso eu começaria por um texto que, modestia à parte, considero bem importante, e que saiu na *Revista Brasileira de Psicanálise* em 2010. Ele pode funcionar como uma base e uma introdução para nossas próximas conversas. Vou me referir a ele muitas vezes. Chama-se “Núcleos neuróticos e não neuróticos: constituição, repetição e manejo na situação analítica”. Ainda mantenho o essencial das ideias, mas tenho muitas coisas a acrescentar, principalmente sobre a clínica.

É uma continuação do seu livro Neurose e não neurose, de 2009?

De certa forma. No livro eu me preocupei em mapear, dos pontos de vista clínico e metapsicológico, esses dois grandes territórios da psicopatologia psicanalítica. Mas no artigo que estou propondo discutirmos faço uma coisa um pouco diferente: reconheço, na mesma paciente, material clínico que aponta para um núcleo neurótico e um não neurótico.

Numa mesma paciente? Pensei que neurose e não neurose se referissem a estruturas psíquicas diferentes!

Os textos que eu li quando escrevia o livro faziam referência a estruturas, e eu acabei mantendo o termo. Hoje eu tiraria, porque na prática não é assim. Todos temos núcleos neuróticos e não neuróticos convivendo lado a lado.

O que, exatamente, você chama de núcleos?

O termo “núcleo” remete a certo tipo de organização e de processos inconscientes. Os núcleos determinam uma forma de sentir, pensar e agir, o que, por sua vez, se manifesta clinicamente como uma forma de ser e de sofrer. Núcleo melancólico, núcleo paranoico, núcleo masoquista etc. O termo genérico “não neurótico” se refere a todos os tipos de funcionamento psíquico em que a separação sujeito-objeto não foi suficientemente conquistada.

Dito assim parece tão simples! O que a levou a escrever esse texto?

Em geral, quando lemos um texto teórico-clínico, o autor aborda o sofrimento produzido por um único núcleo. Só que, na teoria, como lhe disse, é consenso que há núcleos de todos os tipos

convivendo lado a lado. Eles afloram, ou seja, se manifestam clinicamente em função de determinadas situações de vida.

É mesmo. E isso sempre nos surpreende. Freud (1921/2011a) escreveu sobre os fenômenos de massa e mostra como as pessoas, quando se juntam em grupos, podem fazer coisas que até então eram inimagináveis. Se isso acontece, é porque aquilo existia como potencial que pode ser “acordado” num determinado campo intersubjetivo.

Existia na forma de núcleo inconsciente! Pois bem. Eu atendia uma paciente que me deixava intrigada. Ora eu escutava material que parecia ligado a aspectos neuróticos, ora a aspectos não neuróticos.

Quer dizer, elementos edipianos e narcísicos.

Isso. Também na contratransferência eu me sentia convocada de modos diferentes. Mostrar como esses dois núcleos se manifestam numa mesma paciente, com todas as consequências em termos de manejo transferencial, me pareceu um bom jeito de dar continuidade aos meus estudos sobre psicopatologia psicanalítica.

Você poderia fazer um resumo do texto, para eu ter uma ideia prévia?

Boa ideia. Afinal, o título é muito extenso, e mesmo um tanto pretensioso: “constituição, repetição e manejo na situação analítica”.

Pelo que conheço de você, imagino que você não teve a pretensão de esgotar o tema.

Verdade. Apenas tentei imaginar, a partir da repetição na situação transferencial-contratransferencial, que tipo de relação intersubjetiva poderia estar na origem desses núcleos, isto é, como

eles se constituem. E, para isso, levei totalmente a sério a ideia de intersubjetividade, o que significa lembrar que o objeto com o qual o sujeito se constitui é também um outro-sujeito.

Quer dizer, ele também tem um inconsciente.

Exatamente. Se a mãe e o pai têm inconsciente, eles vão necessariamente atuar, repetir, transbordar elementos inconscientes na relação com o bebê e depois com a criança.

É bom lembrar que a primeira menção a isso foi feita por Freud. Não lembro mais onde li que o supereu se constitui não sobre o modelo dos pais, mas do supereu dos pais. Depois disso, muitos outros autores foram dando importância ao inconsciente dos pais na constituição do psiquismo da criança.

Então, para diferenciar os elementos em torno dos quais vão se constituir os núcleos neuróticos e não neuróticos, usei o termo elemento-beta, de Bion.

O que seriam esses elementos?

Seriam, justamente, elementos ligados ao inconsciente recalçado e ao inconsciente clivado. Já tivemos essa conversa naquele nosso primeiro ciclo de diálogos (Minerbo, 2016b). O tema era transferência, lembra-se?

Sim, eu me lembro bem. Você também fala disso no seu livro Transferência e contratransferência (Minerbo, 2012).

Então, o inconsciente “emite” elementos em estado bruto, não digeridos, não integrados, e que, por isso mesmo, tendem a ser atuados.

Parece até que você está falando de elementos radioativos, invisíveis a olho nu.

Ótima imagem! Obrigada. É isso mesmo. Só que aí eu dei mais um passo: conforme o tipo de inconsciente – recalçado ou clivado –, acredito poder discriminar dois tipos de elementos-beta:

- eróticos, ligados ao Édipo inconsciente das figuras parentais, em torno dos quais se origina o núcleo neurótico (inconsciente recalçado);
- tanáticos, ligados às questões narcísicas inconscientes das figuras parentais, em torno dos quais se origina o núcleo não neurótico (inconsciente clivado).

Ah, muito útil esse resumo. Estou vendo que você pensa em termos transgeracionais. É uma ideia original sua?

Sua pergunta é importante, porque vamos conversar muito sobre isso (ver Capítulo 4). Inclusive, aquele meu texto sobre a constituição do supereu cruel (Minerbo, 2015) está inteiramente baseado nessa noção.

Quando eu pensei em termos de elementos-beta eróticos e tanáticos projetados pelas figuras parentais para dentro da mente em formação, precisei dar um nome para o que eu via na clínica.

Depois entrei em contato com ideias muito próximas a essas que já tinham sido desenvolvidas por outros autores. Ferenczi (1990), com seu *Diário clínico*, certamente foi o pioneiro. Quando li o livro *Le transitionnel, le sexuel et la réflexivité*, de Roussillon (2008c), uma frase me remeteu às minhas intuições sobre os elementos-beta tanáticos – que eu havia proposto em 2010 (ver Capítulo 1). Ferenczi diz que, na clínica da pulsão de morte, pouco se

estudou sobre os efeitos dos aspectos assassinos do objeto primário na psique em formação. E acrescenta que isso configura todo um campo teórico-clínico a ser explorado. É o que eu tenho feito desde então.

Em 2010, um amigo meu, Alexandre Maduenho, defendeu na USP sua tese de doutorado, intitulada *Nos limites da transferência: dimensões do intransferível para a psicanálise contemporânea* (Maduenho, 2010). Ele me remeteu a um conceito desenvolvido por Bollas em seu livro *Hysteria* chamado “interjetos”. Na página 83 do seu doutorado, Alexandre explica que o interjeto é “um objeto instalado no *self* infantil pela ação de um outro” e funciona como uma possessão do espaço psíquico da criança. Ele também mostra que esse conceito faz fronteira, mas não se superpõe, a conceitos como o de significantes enigmáticos, de Laplanche, e de elementos-beta, de Bion.

Ou seja, você não está sozinha nas suas observações! É interessante ver como vários autores, partindo de perspectivas teóricas diferentes, observam os mesmos fenômenos na clínica. E cada um acaba dando um nome...

Voltando à clínica: você comentou que uma paciente a deixava intrigada porque ora aparecia material de colorido mais edipiano, ora mais narcísico.

Vamos lá. Era uma jovem estilista cuja mãe representa uma grife de luxo no Brasil. Ela completou seus estudos no exterior e parece bastante talentosa. Recentemente, conseguiu um estágio num ateliê de moda. Muitas das nossas sessões têm como tema a “luta de egos” dos fashionistas. Vou começar com dois fragmentos que se referem ao sofrimento narcísico.

Situação 1: a analisanda me conta que foi, toda animada, mostrar à mãe uma produção do seu ateliê. A resposta foi um balde de água fria: a mãe apontou uma série de defeitos naquilo que estava mostrando, e completou dizendo que a grife dela, mãe, é mais classuda. A analisanda associa com o filme *Sonata de outono*, em que a mãe, pianista famosa, tinha de ser o centro das atenções.

Situação 2: a analisanda está preocupada com o ateliê. As duas sócias não param de brigar. Uma faz de tudo para pôr a outra para baixo. Desse jeito, diz a paciente, ninguém vai para lugar nenhum e o ateliê vai afundar.

Na situação 1, me chamou a atenção que o filme Sonata de outono foi uma associação à sensação de balde de água fria ligada à resposta da mãe.

A mãe retratada nesse filme é muito narcísica, o que prejudicou demais a vida das filhas.

E por que será que a mãe teve de introduzir uma comparação entre elas? “Minha grife é mais classuda, a sua está cheia de defeitos.”

Essa é uma boa pergunta. Dá a impressão de que a mãe rivaliza com a filha. Para se sentir por cima, precisa colocá-la para baixo.

Mas não é a filha que rivaliza com a mãe?

Numa situação de rivalidade edípiana, sim. A menininha rivaliza com a mãe pelo amor do pai. Mas o material não faz referência a nenhuma triangulação. A rivalidade é do tipo narcísica, “quem vale e quem não vale”. A lógica é do tipo “ou/ou”: se uma tem valor, a outra não tem.

Vejo que é bem isso mesmo. Mas não consigo entender como isso pode acontecer.

Para entender como uma mãe pode ter inveja da filha, é preciso adotar uma perspectiva transgeracional. Mas veja só: não é a mãe, mas a criança-na-mãe que rivaliza com a filha. E a filha está sendo confundida com a própria mãe.

A mãe põe a filha para baixo, mas ela faz isso inconscientemente. É a criança-nela que está agindo.

Isso mesmo. Se a mãe não elaborou a rivalidade narcísica com sua própria *imagem* materna, esses restos permanecem ativos como corpos estranhos incorporados, mas não integrados. Mais do que recalçados – caso em que teria havido alguma simbolização dessa rivalidade – tais restos estão clivados, inacessíveis, fora da corrente de sua vida psíquica.

Adotar a perspectiva transgeracional, então, significa analisar as maneiras pelas quais o psiquismo das figuras parentais – especialmente aquilo que não foi elaborado – vai afetar a constituição do psiquismo da geração seguinte. No caso, a filha.

Exatamente. A hipótese aqui é de que a mãe atua esses afetos não simbolizados em qualquer relação atual que evoque, de algum jeito, essa *imagem* materna – inclusive com a própria filha. Deve rivalizar também com as amigas.

Quando a criança-na-mãe confunde a filha com sua própria imagem materna invejada, poderá invejar e atacar a filha.

É por isso que, quando a filha tenta exibir alguma potência narcísica, a mãe é tomada por um impulso irrefreável – é mais forte que ela! – e precisa urgentemente desqualificá-la.

Em outros termos, a mãe atua, há uma descarga da pulsionalidade não ligada: “a minha grife é mais classuda do que a sua”. É mesmo um balde de água fria. Ou, para usar o seu termo, é um elemento psíquico radioativo relativamente invisível a olho nu, mas que vai ter efeitos prejudiciais!

Será que vem daí aquela ideia tão comum de culpabilizar os pais pelos problemas emocionais dos filhos? Pela sua explicação, fica bem claro que tudo se dá em uma dimensão inconsciente, e por isso não faz o menor sentido culpar a mãe. Ela mesma não teve condições emocionais de metabolizar suas questões narcísicas... e acaba projetando na filha, mas sem qualquer intenção consciente de prejudicá-la.

Concordo com você. Ideias psicanalíticas não compreendidas podem levar a uma leitura equivocada e simplista, que tende a culpar os pais, quando na verdade não tem a ver com culpa ou intencionalidade.

Sim... ao mesmo tempo, precisamos olhar para essa radioatividade que “sobra” para os filhos, se quisermos entender o que está se passando, não é?

Claro! Infelizmente, os filhos podem muito bem ser suporte da transferência negativa de seus pais. Na situação 1, a paciente sente o balde de água fria – são os elementos-beta –, mas não consegue saber exatamente de onde vem. E isso não tem a ver só com aquela situação específica. O material pode ser escutado também como representação do trauma precoce. E, como todo traumatismo, estará submetido ao regime da compulsão à repetição. Tanto que a situação 2 ilustra a guerra interminável entre dois narcisismos, em prejuízo do crescimento de ambos (“ninguém vai para lugar nenhum e o ateliê vai afundar”).

Então, pelo que entendi, a situação é traumática porque a figura materna, que deveria ajudar a metabolizar experiências tóxicas, é a própria fonte da toxicidade!

Exatamente isso. A carga tóxica de elementos-beta é traumática porque o psiquismo em formação não tem condições de simbolizar – ou simboliza parcialmente – 1) que se trata de um ataque; 2) que está sendo atacado no lugar de outro objeto; e 3) que o motivo do ataque é a rivalidade narcísica. A analisanda descreve muitas circunstâncias cotidianas semelhantes às apresentadas nas situações 1 e 2, o que entendo como uma rerepresentação da zona de traumatismo em busca de elaboração.

Mas agora fiquei um pouco confusa. Pelo que me lembro de minhas leituras de Freud (1920/2010e), a compulsão à repetição tem a ver com a pulsão de morte... e você disse que essa repetição – ou rerepresentação – é uma tentativa de elaboração da situação traumática. Como entender isso?

Rá! Você não deixa passar nada, hein? [risos]. A repetição pode ter dois destinos.

- pode ser mais do mesmo, cegamente, até o “ateliê afundar”;
- mas também existe a possibilidade de se recolocar em jogo na situação analítica a “guerra entre narcisismos” – o do paciente e o do analista. Será necessário reconhecer como cada um se sente ameaçado pelo outro em seu narcisismo. É possível encontrar uma saída simbolizante. Mas, como diz Freud (1914/2010c) em *Recordar, repetir e elaborar*, é indispensável passar pela repetição, tomando cuidado para que, enquanto isso, o ateliê analítico não afunde.

Então quando se atualiza, e pode ser escutada/vivida no “ateliê analítico”, mesmo a repetição ligada à pulsão de morte pode ter um destino “de vida”, digamos assim, rumo à elaboração... muito interessante! Mas, voltando ao nosso assunto, falávamos da evacuação dos elementos-beta por parte do objeto primário. O que acontece quando esses elementos-beta “atingem” o psiquismo em formação? Como esse psiquismo lida com isso?

Como veremos, eles serão alojados pelo psiquismo em formação, que precisará fazer alguma coisa com eles. Não quero me desviar do assunto de hoje, mas em outras conversas (Capítulos 3 e 4) veremos que, ao receber esses elementos-beta, o psiquismo vai usar duas defesas primárias: a clivagem e a identificação com o agressor (Roussillon, 2012/2013).

Identificação com o agressor? Um termo cunhado por Ferenczi e Anna Freud? Faz tempo que não ouço falar disso.

Outro nome é identificação narcísica, porque é constitutiva do narcisismo primário – as fundações do eu. Mas eu gosto muito do termo identificação com o agressor.

Primeiro, porque é singelo e intuitivo, contanto que se mantenha em mente que a tal “agressão” é totalmente inconsciente e invisível a olho nu.

Segundo, porque permite uma diferenciação clara em relação a outros tipos de identificação: as histéricas. Vamos falar delas mais pra frente, quando eu trouxer as situações clínicas 3 e 4.

Como você verá, a diferença é a seguinte: as identificações histéricas se formam a partir do desejo do objeto...

... enquanto as outras, a partir de uma guerra entre narcisismos.

Excelente!

Voltando à clivagem e à identificação com o agressor: graças a essas duas defesas primárias, é possível tocar a vida em frente, mas essa nova organização irá cobrar seu preço em termos de sofrimento psíquico.

Ok, mas, por enquanto, quero saber um pouco mais sobre essa história de evacuar elementos-beta no psiquismo em formação. É uma ideia nova para mim. Como você pensou nisso?

Foi a partir da ideia de “significantes enigmáticos” de Laplanche (1987). São elementos que dizem respeito à sexualidade inconsciente do psiquismo parental, e que serão implantados no psiquismo em formação. Simplificando muito, é assim que ele concebe o “nascimento” da sexualidade infantil, com suas singularidades.

Cardoso (2002), uma estudiosa de Laplanche, reconheceu, além da implantação, uma outra situação, que foi a que me interessou: a “intromissão” das mensagens enigmáticas do outro. A intromissão seria a vertente *violenta* da implantação. O balde de água fria. Essa violência é desorganizadora do narcisismo da criança. Por isso eu gosto de pensar em termos de *moções pulsionais tanáticas*.

Por que caracterizar as moções pulsionais de “tanáticas”?

O termo “tanático” me parece apropriado porque *o adulto defende o próprio narcisismo atacando o narcisismo da criança*, como vemos na situação 1. “Ou minha grife, ou a sua.” Como já disse, a rivalidade narcísica implica que apenas um pode ter valor. Apenas um pode viver. O outro é anulado, não tem o direito de existir.

É uma sacada genial. Então o elemento-beta é tanático porque é mesmo um ataque ao narcisismo de vida da criança.

Como o psiquismo materno não é capaz de conter/transformar sua inveja – que é o termo popular para rivalidade narcísica –, caberá ao da filha se organizar/desorganizar para alojar os elementos tanáticos nela evacuados.

Em vez de funcionarem como o grão de areia que mobiliza o potencial criativo da pérola, como diz Laplanche, as mensagens tanáticas funcionam como um corpo estranho que destrói a ostra, isto é, *desorganiza um setor do narcisismo primário*. O que foi clivado no objeto primário continuará clivado no psiquismo em formação.

Como assim, clivado no psiquismo em formação?

O balde de água fria que a mãe joga na filha não faz sentido para ela. Quando se repete sistematicamente, é o que chamamos de traumático. As mensagens tanáticas não podem ser metabolizadas. Ficam clivadas também na filha!

Entendi: os núcleos não neuróticos são uma espécie de cicatriz deixada pela desorganização do narcisismo primário, e pela ação das defesas que ajudaram a pessoa a tocar em frente.

E o pai? Onde ele entra?

As coisas são bem diferentes quando um terceiro objeto intercede interceptando, ou significando, os ataques tanáticos. Alguém que estivesse presente na cena poderia dizer: “sua mãe está com inveja, eu a conheço, ela sempre precisa ser a mais bacana em tudo”. E para a mãe: “deixe a menina em paz, não está vendo que a

proposta da grife dela é outra, para um público mais jovem, mais irreverente?”.

E o que acontece quando não há o terceiro na cena – imagino que seja algo que se repete cotidianamente – de ataque ao narcisismo da criança?

Então o sujeito não terá alternativa a não ser alojar os elementos-beta tanáticos que o psiquismo parental não foi capaz de conter dentro de si.

Legal, acho que estou acompanhando bem.

Gostaria de voltar à outra defesa que você mencionou, a identificação com o agressor.

A psique em formação responde ao ataque (“minha grife é mais classuda do que a sua”) por meio de uma identificação primária com o não simbolizado materno. Na verdade, são identificações complementares entre o agressor e o agredido.

Ah, então aquela “luta de egos” descrita na situação 2 se refere a essas identificações complementares? No ateliê, cada sócia se sente ameaçada pela outra, e vice-versa. Se alguma delas fizer algo bacana, desperta inveja na outra. Agora fica evidente: se cada ideia boa for atacada, o ateliê só pode afundar.

Puxa, com tudo isso, desconstruir essa identificação parece ser das coisas mais difíceis de serem feitas em análise.

De fato, não é simples. Emmanuelle Chervet (2017) escreveu um texto no qual propõe que o trabalho analítico seja conduzido em duas vertentes finamente articuladas.

A primeira é o trabalho de simbolização, de construção de representações que enriquecem o espaço do pré-consciente. Então, veja: a paciente fala da luta de egos no ateliê. É um material a ser trabalhado: como é a luta, egos de quem, por que será que isso acontece etc. Essa historinha é preciosa em termos de representação do trauma precoce. Ela vai conduzir a novas associações, igualmente preciosas. O analista vai dando corda, vai conduzindo o trabalho de simbolização que está em curso.

Só que lá pelas tantas, a transferência estoura do colo da analista.

Como você sabe quando isso acontece?

Porque o clima muda. Há uma tensão no ar. A contratransferência negativa acusa a atualização da transferência no aqui e agora. A segunda vertente do trabalho analítico é com as identificações.

Como seria isso no caso da nossa paciente?

Vamos falar disso mais tarde, com calma. Mas só para não deixar de lhe dar uma resposta, o que acontece é que de repente as duas vertentes se juntam na cabeça do analista. Ele se dá conta de que a luta de egos é lá, na análise, e que o ateliê que vai afundar também é lá. Então é chegado o momento de trabalhar não só com as representações, mas também com as identificações; não só com o que se atualiza na/pela linguagem, por meio das historinhas, mas também com a transferência colocada em ato que se atualiza no aqui e agora.

É aí que entra o manejo?

Exatamente. Quando as identificações se atualizam no aqui e agora, o analista certamente estará identificado com um aspecto da figura parental. Então, primeiro o analista vai precisar se desidentificar da figura que está encarnando na transferência. Sem isso o paciente não consegue mudar de posição subjetiva.

Bem complexo, tudo isso!

Logo, logo, vou lhe explicar tudo isso em detalhes usando o material clínico. Vou lhe dar um passo a passo! [risos]

Por enquanto, eu queria lembrar que Mannoni (1987) diz que não se pode interpretar uma identificação; ela “cai”, ela “caduca”, quando se torna consciente por outros caminhos. No exemplo que ele dá, o analisando se torna consciente de uma identificação quando se percebe fazendo os mesmos gestos que sua mãe.

Agora, de acordo com Freud (1914/2010c) em *Recordar, repetir e elaborar*, o caminho para interromper a repetição produzida por uma identificação é o manejo da transferência.

E o que seria exatamente esse manejo?

Vamos por partes... Para entendermos o manejo, precisamos, antes de tudo, compreender a oposição, já apontada por Freud no texto de 1914, entre repetir e recordar, e como ela se dá na clínica. A repetição estaria no plano do ato, da ação, enquanto a recordação estaria mais no plano da representação, da possibilidade de simbolizar.

Faz sentido...

Donnet (2005), no entanto, faz uma crítica a esse texto de 1914: a oposição repetir/recordar sugerida por Freud, que se tra-

duz como oposição agir/representar, não corresponderia ao que se vê na clínica. Para Donnet, não se trata de uma oposição em tudo ou nada, pois agir e representar se apresentam num *gradiente*: há falas que “fazem” mais do que “dizem”, e vice-versa. Ou seja: há falas que são mais atos do que representações, e vice-versa.

Hum. Achei bem complexo tudo isso. Não sei se entendo essa diferença entre a palavra que “representa” e a palavra que “faz”.

É difícil mesmo, e até analistas experientes podem ter dificuldades! Quanto menos simbolizado aquilo que se repete na situação analítica, maior o valor de ação de sua fala. E aqui entra a sutileza da escuta analítica e do manejo da transferência, pois, nesse caso, não adianta o analista responder ao analisando com uma fala que “diz”, isto é, com uma interpretação simbólica, ou transferencial, pois o analisando a ouvirá como uma fala que “faz”.

Será preciso responder com uma fala cujo gradiente de ação seja compatível com o da fala do analisando. Fazer alguma coisa falando. É isso que entendo por manejo da transferência.

É estranho. “Fazer alguma coisa falando”...

Daqui a pouco você vai entender melhor o manejo usado para desarmar um pouco a rivalidade narcísica e criar, na transferência, uma nova possibilidade.

Um outro caminho para pensarmos nesse manejo seria a partir de Roussillon (2008a). Para ele, também ato e representação não se opõem. Muitas vezes o ato é o apoio necessário para a simbolização. Basta ver o brincar das crianças. Você certamente conhece o jogo do carretel,¹ não é? É ato, mas é apoio para a simbolização

1 O jogo do carretel foi assunto em uma conversa que AnaLisa e eu tivemos sobre

da ausência da mãe. Enfim, o importante é que, para Roussillon, o paciente coloca em jogo suas questões – no caso da nossa paciente, a rivalidade narcísica. E aí o analista não interpreta; como no jogo do rabisco, ele *responde* aos movimentos do paciente. Com isso, criam-se condições para que a repetição no “modo” idêntico seja transformada em repetição “no modo” criativo.

Então tudo começa com a repetição.

Sim, com a *compulsão à repetição*. Voltando à nossa analisanda: na situação 2, quando ela descreve a “luta de egos”, acrescenta que não entende por que as sócias preferem ver o barco afundar a colaborar para o bem de todos. Esse material tematiza o núcleo não neurótico, mas não o atualiza no aqui e agora do encontro analítico. O problema é que essa atualização – sem a qual não há mudança psíquica – se dá na dimensão não verbal da comunicação. É nela que se expressam os aspectos tanáticos que originaram esse núcleo.

Está na hora do passo a passo que você me prometeu? [Risos]

Sim. Temos notícias desses elementos tanáticos em nossa própria subjetividade. Mais precisamente, no tipo de resposta contra-transferencial que dada situação clínica nos suscita. No caso dessa paciente, e em função da problemática que ela precisa elaborar, ela vai fazer o nosso narcisismo sofrer.

Quer dizer: a gente vai sentir que levou um balde de água fria.

Ou mesmo um “tranco”, que é até mais forte do que o balde de água fria. Ela está repetindo – transferindo – para a situação

o funk “Que tiro foi esse?”. Remeto o leitor a essa crônica, à p. 257, para uma explicação mais detalhada.

analítica as identificações com o agressor que estão clivadas. Estamos sendo colocados no lugar da criança-nela. Estamos sofrendo aquilo que a criança-nela sofreu, mas não conseguiu reconhecer, identificar. É nosso trabalho. Fomos contratados para isso..

Imagino que até o analista perceber que é disso que se trata, pode ficar irritado, ou então desanimado...

Sim, até cair a ficha pode levar bastante tempo. Enquanto isso, o narcisismo do analista sofre, ele se vê desalojado de sua condição habitual de escuta, e com uma dificuldade persistente para recuperá-la.

Puxa! Entendi e faz todo sentido. E é justamente essa resposta contratransferencial que indica a repetição dos aspectos tanáticos.

Exato. Instala-se na transferência uma situação de confusão sujeito-objeto. Porque, se ele está mesmo aberto para ser uma caixa de ressonância do psiquismo do paciente, o analista vai “ser” algum personagem do mundo interno dele.

Grosseiramente falando: o analista vai se confundir com uma figura interna do paciente, da mesma maneira que o paciente se confundiu com sua figura parental. Ou seja, perde-se temporariamente, e de forma circunscrita, a separação analista/analizando.

Não há como evitar isso?

Isso tem de acontecer, já que o núcleo não neurótico é precisamente um setor em que a separação sujeito-objeto não se deu. Lembra que ele se constitui exatamente porque não havia um terceiro que pudesse se interpor entre os elementos tanáticos maternos e a criança? Pois o que aconteceu é que o psiquismo da criança continuou funcionando como parte do materno. E vice-versa.

Mas como isso aparece na relação entre o analista e o analisando?

Na situação clínica, a confusão sujeito-objeto se manifesta de duas maneiras:

- ou o analista se identifica com o aspecto traumatizante do objeto, e mais cedo ou mais tarde será levado a dar “interpretações de água fria” no paciente;
- ou se identifica com a criança traumatizada, caso em que é a vez do analista sentir a água fria no subtexto da sessão.

Isso me parece uma espécie de obstáculo para a continuidade da análise...

Você tem razão. Tanto é assim que esse *campo transferencial-contratransferencial negativo pode se cristalizar*. Durante um tempo, cada um sentirá a necessidade de defender seu narcisismo da ameaça representada pelo outro (situações 1 e 2). Estará instalada a repetição idêntica à que originou aquele núcleo não neurótico.

Imagino que será preciso sair desse impasse.

Isso mesmo. A possibilidade de sair da repetição passa pela elaboração da contratransferência.

Agora é que eu quero ver!

Então escute:

Primeiro: preciso reconhecer que estou me sentindo ameaçada em meu narcisismo por essa paciente.

Segundo: preciso perceber que estou usando as interpretações para me defender dessa ameaça. E que isso é bem parecido com o conteúdo das historinhas que aparecem no material clínico.

Terceiro: preciso lembrar de que tudo isso é comigo, e ao mesmo tempo não é comigo.

Quarto: eu me separo psiquicamente dos objetos internos da paciente. E com isso recupero meu lugar de analista. Recupero também minha condição de escuta e de interpretação.

Pelo visto, é crucial que o analista possa fazer esse trabalho de elaboração; e que consiga se descolar do lugar em que foi “colado” pela atualização transferencial do núcleo não neurótico.

É realmente fundamental. Por isso, vou repetir: elaborar a contratransferência é encontrar os meios para “se separar do analisando” naquele setor em que ambos estavam misturados por efeito da repetição do núcleo não neurótico, isto é, do não simbolizado tanático. Quando o núcleo psicótico é poderoso, isso pode exigir a intervenção de um terceiro. Um colega ou supervisor.

Deve ser um alívio, do ponto de vista da contratransferência, quando o analista consegue se diferenciar das figuras internas do paciente.

Total! É um alívio recuperar o lugar de analista. É um alívio quando conseguimos encontrar caminhos para transformar a repetição estéril em repetição criativa. É aí que entra o manejo.

Mas como seria isso, na prática?

Vamos precisar oferecer as condições para que o analisando faça a experiência que nunca pôde ser feita: rivalizar narcisicamen-

te com o objeto primário sem sofrer retaliações. É o que Winnicott (1968) chama de “uso do objeto”: usar o objeto para atender às próprias necessidades narcísicas sem precisar se preocupar com ele. Amar o objeto de forma impiedosa. Isso precisa acontecer de forma suficiente para que seja possível começar a interpretar no sentido mais clássico do termo.

Eu já sabia que, enquanto analistas, nossas subjetividades são parte fundamental do processo analítico de nossos pacientes. Mas não tinha noção de que estávamos assim tão implicadas! Acho que vou aumentar a frequência das supervisões... [Risos]

[Risos] No caso da paciente estilista, a coisa aconteceu mais ou menos assim: eu dizia alguma coisa e, batata!: a analisanda apontava os “defeitos” e corrigia o que eu tinha dito. Isso era sistemático. Quando apontei esse padrão ela disse que só estava tentando colaborar. Embora o conteúdo da fala dela até tivesse a ver, ela falava de um jeito, com um tom, que produzia em mim a sensação de estar sendo desqualificada, diminuída. Sofrimento narcísico meu. Em resposta, eu me sentia tentada a reafirmar meu ponto de vista, opondo-me a ela. Aí era a vez de ela se sentir desqualificada e diminuída. Sofrimento narcísico da paciente.

Ou seja, o campo transferencial-contratransferencial criado com a colaboração das duas adoeceu e se cristalizou: era a repetição, ou atualização, do núcleo não neurótico. Tudo isso fica muito claro quando você expõe o exemplo clínico.

Sim. E por mais experiente que seja o analista, é só nesse plano de “afetação mútua” (Kupermann, 2008), ligado à abolição momentânea das fronteiras entre sujeito e objeto, que se pode construir um conhecimento psicanalítico. Claro que há o risco da abolição das fronteiras se perpetuar. Mas há o risco oposto: de o

analista se defender e se recusar a passar por esse processo de “afeção mútua”.

No caso, seria você não conseguir reconhecer que, quando a paciente corrige suas interpretações de forma sistemática, seu narcisismo sofre.

Viu como você não precisa aumentar a frequência das supervisões? [Risos]

Pois entendeu perfeitamente que o campo transferencial-contratransferencial adoce temporariamente porque reproduz os mesmos mecanismos que levaram à constituição do núcleo psíquico (ilustrados nas situações 1 e 2). Eu precisei trocar umas ideias com meus colegas para elaborar minha contratransferência negativa.

E o que mudou no seu jeito de conduzir o caso? Como foi o manejo?

Que bom que você perguntou! Falei tanto da constituição e da repetição do núcleo não neurótico que já ia esquecendo de falar do manejo! Lá atrás eu tinha dito que, diante da repetição de um núcleo não neurótico, o analista “faz alguma coisa falando”. Você achou estranho, e com razão.

E então? O que você fez-falando?

Primeiro, precisei entender que o tranco tinha a ver com o pavor de que eu repetisse algo insuportável para ela: que eu – como a mãe – fizesse questão de “brilhar sozinha”. Descobri que ela me via como alguém – a mãe – que precisava que minha “grife” – minhas interpretações – fosse melhor que a dela. No fundo, o que ela precisava desesperadamente era ter vez, ou melhor, ter voz. Era isso

que eu não conseguia ouvir antes, só conseguia ficar irritada com o “tranco”.

Muito interessante! Nessa hora você recuperou sua condição de escuta analítica! Passou a escutar as “correções-tranco” em outra chave!

Exatamente! E, graças a isso, consegui mudar de posição subjetiva no campo transferencial-contratransferencial.

Peraí. Quem tem de mudar não é o paciente?

É, mas, para isso, o analista tem de mudar primeiro. Nesse caso, mudar de posição subjetiva foi conseguir dar um novo significado às “correções” sistemáticas que seguiam qualquer fala minha. Levou um tempo para que eu conseguisse ver os trancos como tentativas de colaborar comigo, e não de me desqualificar.

Ah, isso muda tudo!

Muda mesmo. Pois comecei a incorporar as “sugestões” dela nas interpretações. Abrir espaço para a grife dela. Em cada sessão eu procurava maneiras de incluir o que ela tinha dito, e fiz isso durante algum tempo. E cada vez de um jeito, conforme o material, mas sempre a mesma estratégia. Esse foi o manejo. Percebe que essas intervenções não eram propriamente interpretações?

Percebo bem a diferença entre interpretação e manejo. E o que aconteceu depois disso?

Aconteceu que depois de algum tempo o campo da rivalidade narcísica se atenuou bastante. Não havia mais tantos “trancos”. Ela relaxou porque eu não a impedia de ter voz. Relaxou porque eu não só permitia como também acolhia o que vinha dela.

Ela deve ter sentido que, afinal, você não fazia questão de brilhar sozinha.

Isso! Eu não precisava afirmar que minha grife era melhor que a dela! Ao contrário de seu objeto interno, eu podia suportar, e até curtir, que ela também brilhasse, sem me sentir ameaçada em meu narcisismo. Isso era algo novo para ela.

Entendo. Essa nova possibilidade estava sendo construída no campo transferencial-contratransferencial.

Você se lembra que na situação 2 cada sócia atacava as ideias criativas que a outra tinha, e o ateliê estava afundando. Aqui eu passei a valorizar as “ideias criativas” da paciente, e o ateliê analítico começou a funcionar melhor.

Ufa, quanta coisa para digerir! Podemos fazer uma pausa e tomar um café?

Ótima ideia.

* * *

No começo da nossa conversa, falamos sobre a constituição dos núcleos não neuróticos, que se dá justamente quando o psiquismo em formação aloja em si esses elementos-beta tanáticos evacuados pelo objeto primário. Seria interessante falarmos também sobre a constituição dos núcleos neuróticos.

Sim. E também sobre como eles se repetem e serão manejados/interpretados na clínica.

Então. Logo no começo da conversa eu propus a hipótese de que os núcleos neuróticos se constituem a partir de elementos-

-beta *eróticos* evacuados pela figura parental. Quero apresentar mais duas situações clínicas da mesma analisanda para discutir essas ideias.

Na situação 3, a analisanda conta que sua prima se encaminhava para a carreira diplomática, como o pai, com quem tinha um relacionamento muito próximo. Durante o curso, conheceu um rapaz. Apaixonaram-se e pretendiam se casar. De repente ele veio com uma condição: ela deveria abrir mão da carreira. Ela desistiu de casar. Atualmente está trabalhando numa embaixada na Europa.

Na situação 4, há vários relatos de como a analisanda queria mostrar para o pai que, apesar de mulher, ela tinha competência de sobra para ser o braço direito dele no trabalho. Parecia, de fato, muito mais apta que o irmão. Finalmente o pai topou e começaram a trabalhar juntos. Só que aí ele começou a tratá-la mal, criticando tudo. De uma hora para outra a relação entre eles, que era muito boa, mudou. Ela ficou muito magoada, humilhada, e não entendeu nada.

Já escuto ecos da cena edípica em ambas as situações. Estou certa?

Está certa, sim. A situação 3 mostra que a analisanda inicia a travessia edípica, mas não consegue concluí-la. Conhece um rapaz que é como o pai, mas não é o pai. Até aí, ok. Só que, de repente, o noivo apaixonado vira um objeto “do mal”: exige que ela pare de trabalhar. Não é algo bacana, do tipo: “você para de trabalhar e a gente faz outras coisas juntos, como parceiros”. A castração aqui é brutal, da ordem de uma mutilação: “você vai parar de trabalhar para ficar em casa, só eu posso trabalhar”.

Puxa, isso evoca a figura materna invejosa, que precisava brilhar sozinha e jogava um balde de água fria na filha! Imagino que, ao ouvir isso do noivo, foi exatamente como ela se sentiu.

Muito bem observado. Pois é por isso mesmo que ela encalha na travessia edípiana. A *imago* materna do mal se intromete no Édipo. Ou, dito de outra forma: a paciente vai atravessar o Édipo trazendo em sua bagagem psíquica a *imago* materna que já tivemos o prazer de conhecer.

Ok, mas não identifico nessas passagens a repetição do núcleo neurótico.

Você tem razão. Esse material não ilustra a repetição “pura” de um núcleo neurótico. Aliás, talvez isso nem exista! Aqui vemos como se dá a superposição de núcleos não neuróticos e neuróticos na constituição da histeria. Acompanhe comigo: a saída normal do Édipo está bloqueada porque características tanáticas do objeto primário impregnam o objeto edípiano (situação 3). É um ataque invejoso ao potencial dela. O noivo, que poderia ajudar a moça a realizar projetos relacionados ao seu ideal fálico – ser diplomata –, ataca seu narcisismo como na situação 1, e boicota seus projetos como na situação 2. Estamos aqui diante do impasse edípiano por conta de características da figura materna. Como veremos na situação 4, a figura paterna também não ajudou.

Eita! E não é que você tem razão? A problemática edípica está “impregnada” pelos núcleos não neuróticos, relacionados à imago materna/objeto primário que evacua elementos-beta tanáticos.

E a situação 4, por sua vez, traz uma figura paterna que se defende da sedução da menininha edípiana. Aceita a filha como braço direito e, de repente, do nada, começa a tratá-la mal. Esse

material será usado para desenvolver a hipótese de que o núcleo neurótico se constitui como resposta do psiquismo – que está em plena travessia edipiana – aos elementos-beta eróticos evacuados por essa figura.

Então, apenas retomando para eu não me perder: vimos que os núcleos não neuróticos têm sua origem nos objetos-beta tanáticos não simbolizados pelo objeto primário, que são então evacuados e alojados pelo/no psiquismo em formação. Agora estamos vendo que os núcleos neuróticos, por sua vez, têm sua origem nos elementos-beta eróticos não simbolizados e evacuados pelas figuras parentais, e alojados pelo psiquismo que está se constituindo.

Isso. A mesma perspectiva transgeracional que usamos para entender os núcleos não neuróticos vale agora para os núcleos neuróticos.

A brutalidade inesperada e incompreensível que aparece na situação 4 pode ser compreendida como *atuação* de elementos recalcados e não elaborados do Édipo do pai. É o que estou chamando de elementos-beta eróticos: restos não simbolizados do amor do pai com relação a seus próprios objetos edipianos – e que determinam a repetição neurótica.

Entendo. Interessante. Então o chega pra lá que ele dá nela é uma atuação. Eu não teria pensado nisso.

Isso porque a vivência atual com a filha (sentida como) sedutora entra em ressonância com uma situação do passado: o desejo incestuoso recalcado dirigido à *imago* materna do pai.

Se é que estou acompanhando você, a tentativa de sedução da filha “acorda” no presente a mesma angústia que motivou o recalque

de seu Édipo no passado. E é por isso que, angustiado, o pai atua o recalcado repudiando-a com violência.

Uma correçãozinha: não é o pai que faz tudo isso, mas a criança-no-pai.

Assim como não era a mãe que tinha inveja da filha, mas a criança-na-mãe.

Isso mesmo. Atravessado por seu próprio Édipo infantil, o pai não consegue sustentar as tentativas de sedução da menina; não consegue manter clara em seu horizonte a diferença entre gerações. Por isso, ele não pode “brincar de namorar” com a filha; ao contrário, quando a proximidade se torna excessiva – é o que acontece quando começam a trabalhar juntos –, ele é obrigado a dar um “chega pra lá” nela.

Pelo visto, essa situação de sedução pela filha acaba revelando a maneira como esse pai atravessou seu próprio complexo de Édipo... Isso faz sentido?

Sim, faz sentido. Como você bem notou, o chega pra lá com que o pai repudia os avanços da filha nos dá notícia tanto da intensidade de sua angústia de castração quanto dos elementos recalçados, e não completamente simbolizados, de sua sexualidade infantil – quer dizer, da criança-nele.

E por isso você os chamou de elementos-beta eróticos.

Isso mesmo. É realmente um prazer conversar com você!

Bom. Aí, como qualquer bom neurótico, ele se submete a seu supereu rígido. Este fica “assustado” com tanto amor e exige um distanciamento afetivo absoluto entre ele e a filha – confundida

com a mãe edipiana. A filha sente um “chega pra lá”, que é vivido como *enigmático*. Ela pressente que há um sentido que lhe escapa.

Qual poderia ser esse sentido?

Se a interdição edipiana estivesse suficientemente clara para o pai, ele não confundiria “trabalhar juntos” com “incesto”. Mas ele confunde. O próprio fato de o pai atuar na relação com a filha mostra que ele confunde alhos com bugalhos. Isso é enigmático para ela, e para mim na escuta analítica. Enfim, tudo isso aponta para o que Roussillon (1999) chama de traumatismo secundário.

E é esse traumatismo secundário que dá origem aos núcleos neuróticos, correto?

Corretíssimo. Contanto que a gente entenda que o material relativo a “trabalhar juntos” é apenas uma representação atual da situação infantil incestuosa.

Se estivéssemos diante de uma travessia edípica suficientemente integrada, o pai sinalizaria de maneira clara, mas afetuosa, que há um limite para a intimidade entre eles. A filha não seria tão fortemente atravessada pelos elementos enigmáticos ligados à sexualidade infantil do pai.

Imagino que, com um enquadre interno claro e firme para ambas, elas não teriam tido tanta dificuldade em trabalhar juntos.

Você disse tudo: enquadre interno claro e firme.

Mas quando isso não é possível, o psiquismo infantil tem de alojar esses elementos-beta eróticos atuados pelo pai, configurando o trauma secundário. O eu tem, então, dois recursos eficientes

para lidar com essa situação: o recalque das representações do desejo incestuoso e a constituição de identificações históricas.

Ah, então é assim que começa a se constituir o núcleo neurótico!

É isso! O fracasso na travessia edipiana da figura paterna vai se transformar, na geração seguinte, em uma identificação histórica. É essa identificação que determina o desejo de ser objeto do desejo do pai.

Interessante. E quando falamos dos elementos-beta tanáticos, havia também dois recursos defensivos: a clivagem e a identificação com o agressor. Se for possível, um dia desses gostaria de conversar sobre essas ideias do Roussillon (Capítulo 3). Aqui, como se trata de elementos-beta eróticos, é o recalque e a identificação histórica.

Eu mesma não tinha percebido esse paralelo tão oportuno! Obrigada.

Vou aproveitar esse seu comentário para retomar uma ideia apresentada lá atrás, quando você me perguntou sobre a desidentificação.

O analista trabalha com o retorno do clivado e com o retorno do recalcado usando as historinhas que o paciente traz. Interpreta para tentar favorecer o trabalho de simbolização primária e secundária.

E trabalha com as identificações quando elas estouram no colo do analista. O nome correto é: quando há uma “atualização pulsional”. O trabalho com as historinhas preparou esse momento, que agora está maduro. Aqui entra o manejo. Porque ele vai mudar de atitude e vai interpretar para favorecer o trabalho de desidentificação.

Já vimos o manejo da rivalidade narcísica do núcleo não neurótico.

Então agora vamos ver o manejo da situação edipiana do núcleo neurótico.

Vamos!

A paciente me propunha um tipo de diálogo cujo objetivo era abolir a assimetria analítica. Discorria, e queria minha opinião, sobre vários temas que, na verdade, eram bem interessantes. A demanda incestuosa tomava a forma de um diálogo estimulante – excitante – “de igual para igual”.

Se o paciente for interessante, imagino que a tentação pode ser grande...

E era. Mas eu não posso simplesmente dar um chega pra lá nas tentativas de sedução. E também não posso corresponder totalmente às demandas de amor. Para conseguir navegar entre o risco de seduzir e o de repudiar, preciso tomar o caminho do meio. Por sorte, há bastante espaço, posso dizer muitas coisas, mas o essencial é não perder de vista a assimetria analítica. E olha que só isso já foi suficiente para a paciente se sentir rejeitada!

Coitada! Aposto que ela reclamou!

Mas é isto que queremos: que a transferência estoure no colo do analista! Ele vai ser xingado de tudo: insensível, rejeitador, sem consideração.

Foi preciso aguentar tudo isso. Concedi a ela que os temas propostos eram, de fato, interessantes. Mas tive que dizer que o que ela me pedia não cabia ali. E que não fazer o que ela tanto queria

era um jeito de ter consideração por ela. Ao contrário de indiferença, era uma maneira de zelar pela análise. Mas eu podia entender que ela ficasse magoada comigo se sentisse minha posição como evidência de um amor não correspondido. Enfim, não exatamente isso, mas algo assim.

Ah, aqui você interpretou mesmo!

Note que estamos falando da atualização de um núcleo neurótico.

Eu sei, é completamente diferente da atualização do núcleo não neurótico.

Veja, eu precisei fazer das tripas coração para evitar corresponder e, com isso, seduzir a paciente. Para mim seria fácil e gratificante fazer o que ela pedia. Mas para ela seria excessivamente excitante, o que dificultaria a renúncia ao objeto de amor edipiano.

Entendo.

Ela ficou com raiva. Depois ficou triste. Infelizmente, é o único caminho para a desilusão amorosa, e para o luto que precisa ser feito.

E como a gente sabe que o processo de análise – a partir do manejo cuidadoso que você descreveu – está propiciando alguma espécie de transformação na analisanda?

Ela contou uma conversa com a prima em que esta descrevia cenas de sua relação com o pai. Não era apaixonada nem excitante, mas cheia de ternura. Entendo isso como uma nova representação da figura paterna, que já não se deixa intimidar por seu supereu.

Tem a ver com a posição paterna que você buscou ocupar na transferência, nem respondendo positivamente à sedução, mas também sem rejeitar a paciente.

Sim, por isso escuto esse material também como alusão à nova posição subjetiva construída na transferência.

Algum tempo depois, ela fala da reestruturação do ateliê. Ela foi efetivada. Uma das sócias saiu, e em seu lugar entrou um novo estilista. Ela se oferece para ser seu braço direito, mas ele lhe designa uma outra função, que ela julga “aquém de sua capacidade”.

De novo a história de “ser o braço direito”?

É, mas dessa vez o desfecho foi outro. Ela se queixa com uma colega de trabalho, que gentilmente lhe diz: “calma, você acaba de ser efetivada, não dá para queimar etapas”. Fiquei surpresa quando a analisanda me disse que a colega tinha razão. E que conseguiu escutar sem ficar chateada, porque ela tinha dito isso num tom afetivo e construtivo. Finaliza dizendo que, mesmo não sendo “aquele” cargo, tem muitos desafios e muita coisa para fazer.

Esse material fala de uma figura materna que cumpre sua função materna, em vez de rivalizar narcisicamente com a filha. E, talvez por isso mesmo, a filha aparece como podendo tolerar a renúncia e a exclusão edipianas.

Concordo. E acho que a nova figura materna facilita a aceitação da exclusão. Mas tem uma grande novidade: saindo da rivalidade narcísica, ela diz algo que tranquiliza a paciente: “não precisa queimar etapas, porque quando você crescer poderá ocupar o cargo que tanto deseja”.

Puxa, uma conversa e tanto! Achei bem legal a proposta de usar a perspectiva transgeracional para, a partir da situação transferencial-contratransferencial, conseguir imaginar quais elementos inconscientes da geração anterior poderiam estar na origem dos núcleos neuróticos e não neuróticos.

As situações clínicas 1 e 2 me ajudaram a entender como o não simbolizado tanático das figuras parentais, evacuado e alojado pela psique em formação, está na origem de núcleos não neuróticos. E as situações 3 e 4 permitiram reconhecer como o não simbolizado erótico está na origem de núcleos neuróticos. Acho que agora tenho os instrumentos teóricos para conseguir diferenciar, na minha clínica, a atualização de cada núcleo e o manejo necessário em cada situação.

Marion, agora que já tenho uma boa noção do funcionamento neurótico e não neurótico, tenho uma proposta para nossa próxima conversa: quero saber como pensa um psicanalista, no calor da sessão e também fora dela. O que você acha?

Prometido, AnaLisa!



Marion Minerbo nos brinda com novos diálogos com AnaLisa, em que conduz reflexões sobre temas fundamentais para a prática da psicanálise hoje.

Dois eixos percorrem os sete capítulos: ela toma radicalmente em consideração a noção de intersubjetividade; os temas são trabalhados tendo como pressuposto dois sujeitos em relação, em afetação recíproca. E trabalha o tempo todo com a teoria encarnada na clínica.

Escrito numa linguagem leve e acessível, o livro certamente será um sucesso e interessará tanto psicanalistas formados quanto estudantes de Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.

Ruggero Levy

*Ex-presidente e analista didata da SPPA
e Chair of the IPA Working Parties Committee.*

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1443-4



9 788521 214434

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Novos Diálogos sobre a Clínica Psicanalítica

Marion Minerbo

ISBN: 9788521214434

Páginas: 288

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.365 kg
